



O TEMPLO DOS FOGOS ETERNOS EM BAKOC.

C. M. L.
 GARRIGUE
 DE LISBOA
 OLISIPONE 1856

O TEMPLO DOS FOGOS ETERNOS EM BAKOU.

Bakou é uma cidade fortificada, distante quasi 50 kilometros de Schamaki, no Schivam. Foi cedida pela Persia á Russia em 1728: em 1735 voltou ao poder dos Persas, e só em 1801 foi definitivamente entregue á Russia. O seu porto é o melhor do mar caspio, e nas suas proximidades encontram-se mananciaes de petroleo ou naphta, que são objecto de um activo commercio.

O templo que a gravura representa está situado ás bordas do mar caspio, a 35 verstes da cidade.

É de fórma irregular assemelhando-se a uma fortaleza Persa. A sua origem é desconhecida dos sabios do paiz, e sómente consta que fôra edificado pelos verdadeiros crentes, adoradores do fogo. Na muralha que o cerca grossa cerca de 3 metros, há do lado interior cincoenta pequenas casas que não recebem a luz senão pela porta. No grande pateo interior encontram-se montões de pedras collocados sem symetria, e no centro ha um templo de fórma quadrangular coberto com um zimbório sobre qual se vê uma especie de fornalha.

Todo o edificio occupa o espaço de 200 metros quadrados, e está em total ruina. M.

A PENA DE TALIÃO

ROMANCE HISTORICO.

IV

Se Deus quizer

Assim que rompeu a manhã, serena e pura, como se a noite não tivesse desatado na vespora todas as furias da tormenta, o robusto armeiro de Coimbra abriu as palpebras com o primeiro raio de luz clara, que lhe entrou pelo esguio miradouro do apoquentado cubiculo, aonde o tinham accomodado.

Esfregar os olhos, recostar-se sobre o cotovello, e logo depois laçar com todo o cuidado a malha de aço sobre o saio, foram os gestos porque principiou o robusto campeão popular, acompanhados das fervorosas orações, que n'aquelles religiosos tempos nenhum christão sincero deixava de elevar ao ceu, ao começar o dia.

Apenas mestre Pero tinha concluido a principal tarefa, quando ouvio tocar de leve na grossa porta do aposento, e ao mesmo tempo a voz de Martim Lebreu, o rei absoluto das matilhas do castello, ajuntava de fora á pancada leve estas palavras, proferidas com discreta modestia em baixo rouco e falhado.

— «Dormis ainda?»

A resposta do armeiro, concisa e terminante, reduziu-se a abrir de par em par.

O bojudo vulto do apparatuso antagonista de Pero Voador, disparando meia duzia de soluços, que davam ares de figurarem ali de suspiros tragicos, introduzio a sua rotundidade dentro do cubiculo, e com uma cuia na esquerda, e um jarro de bocca estreita cheio de vinho na outra mão, apresentou-se para fazer as primeiras libações em boa companhia, dilatando os beiços, e meneando solememente a cabeça.

— «Uma vez de vinho não faz mal senão a perros mouros e judeus. Mestre Pero quereis começar a manhã em graça?»

O armeiro repellio, mas com brandura, a taça que lhe offreciam, e sorrindo-se, respondeu:

— «Obrigado, Martim Lebreu, mas em jejum o melhor remedio contra as tentações é uma cruz na bocca.

«Sois o juiz, e sobre gosto não ha disputas! louvado Deus, aqui me tendes, para despejar por dous.» E unindo o exemplo á palavra embocou soffregamente o jarro, e em trez, ou quatro sorvos, aliviou-o de metade do liquido, que durante o curto dialogo nunca cessara de namorar com olhos ternos.

Finda esta prova decisiva, o monteiro descansou, e pondo a vista no tecto, disse para o hospede em tom mysterioso:

— «Não sabeis? D. Ruy Viegas não dormio toda a noite. Esta cá seu primo Reimão de Portocarrero, e o prior de S. Domingos, que chegaram hontem, e segundo parece com más novas, porque sua mercê, ainda não repousou; depois se quereis levar-lhe o vosso recado, subi ao eirado da torre de menagem, que lá o encontrais...»

— «Ha boa meia hora, que mo podieis ter já dito! replicou o armeiro enfadado. Mas é sina vossa, Martim Lebreu. Por um cangirão de vinho sois capaz até de esquecer a Deus».

«Tá, tá! Mais de vagar, Sr. Pero Britador, o vinho é o sangue dos velhos, e a allegria dos moços. Se a pressa de fallar ao alcaide era tamanha, porque o não dizieis?... A proposito! Não sabeis o que succede? Dous cavalleiros tomaram hontem por força o melhor falcão áquelle sandeu de Pero Voador, e acrescentaram, que tornarião hoje a D. Ruy Viegas com o repto não sei se delles, se de outros, para se matarem todos, não disseram porque...»

— «Santa Maria val! exclamou o armeiro, e calado ficais com isso? Tão certo como é peccado apañhar falcões e açores antes de S. João, ou tomar-lhe os ovos, que vou jurar em como esses dois não sahem do Castello de Cham, tão inteiros e contentes como entraram. Os da raça do alcaide sempre costumaram dar vinte por dois! Tende por seguro que estes pagam o açor por varas.»

— «O que mereciam, alguns que eu conheço, redarguiu o monteiro, acabando de escorrer o jarro, era um talho de Fernão Armes, ou uma absolvição do vosso malho grande de Coimbra... Escutai! São trombetas a soar. Aposto que ahi nos entra o açor pelas portas dentro. Quereis dar fé do caso?»

— «Se vos apraz!» respondeu mestre Pero, que ardia em desejos de desentulhar o seu cubiculo, rolando para fóra ás punhadas o tonel vivente, que o moía sem piedade, desde que se levantára.

Felizmente para o dictador das matilhas a curiosidade salvou-o: se teimasse cinco minutos mais, apurando a paciencia do seu illustre amigo, é provavel, que a conferencia terminasse de um modo prompto e violento.

Os dois, sem accrescentarem mais nada, sahiram logo por um extenso corredor, subiram escadas, cruzaram umas poucas de camaras desertas, até que por fim se acharam diante de uma das tres portas da sala de armas.

Dentro d'ella, rodeado dos seus pagens, escudeiros, e homens d'armas, tendo Reimão de Portocarrero á direita, e o devoto fr. Gil á sua esquerda, estava D. Ruy Viegas sentado, com a cabeça descuberta, e um arnez lavrado e lusente sobre o peito.

O monteiro naturalmente loquaz ia a abrir a bocca para fallar, mas a mão de Pero Britador, ainda mais rapida do que a ancia paroleira do mestre das matilhas, intimou-lhe a mudez absoluta, fechando a

saída á voz. Foi o que hoje chamariam um acto de coacção brutal.

Poucos instantes depois, os batentes chapeados da porta fronteira ao alcaide descerraram-se com estrondo, e dous cavalleiros, com lorigas de malha, capellos sem viseira, coxotes e braças, adiantaram-se firmes nos modos, e graves no gesto. No punho de um d'elles vinha o açor, que na vespora fora roubado ao falcão: e atraz seguiu-os a curtos passos dous escudeiros, trazendo cada um seu molho de varas na mão.

O alcaide, vendo-os, poz-se de pé, e acenou-lhes, que se aproximassem; ao mesmo tempo os olhos de Portocarrero despediram relampagos de ira, e as faces do prior dos Dominicós fizeram-se cor de cera.

— «Quem sois, e o que pedis?» perguntou D. Ruy Viegas, cujo rosto severo ainda se tornou mais sombrio e ameaçador.

— «Muitos annos passaram, respondeu o mais moço dos recémchegados, visto que o nobre alcaide de Cham perdeu da memoria as feições d'um dos cavalleiros moços do seu tempo. Quando corriamos ambos as lebres nas terras de Montemor, ou de Santa Maria, o nome de Martim Cravo não vos era tão estranho!»

— «E que vos traz hoje a este castello, onde não ereis esperado, nem sois bem vindo? acudio o primo de Portocarrero, cortando friamente o fio ás recordações juvenis e ironicas. Vindes restituir o meu açor, que hontem levastês por força como salteadores, ou pedir perdão da offensa para salvar o castigo?»

— «Nem uma cousa, nem outra, redarguiu o seu interlocutor com o mesmo ar de mofa, que adoptara desde a entrada. Como D. Ruy Viegas se fez monge n'este deserto, e parece que não cinge espada senão para enfeite, eu e o leal alcaide D. Estevão Pires, viemos lembrar-lhe que onde chega a lingua deve chegar o braço d'um cavalleiro. O infante D. Rodrigo Sanches, cujo sois, chama por vós debalde: e se de veras vos não metem medo as lanças dos homens de armas, e os viotes dos besteiros d'el-rei, admira como ainda não sahistes. Dorme-se de mais por cá! É verdade, ajuntou rindo e olhando com esgarço para Portocarrero, que estes muros são altos e fortes, e que os traidores não largam por gosto o ninho seguro. Ahi tendes ao vosso lado um hospede, que se esconde dos que devia buscar, e que faria bem se trocasse o arnez e a espada pelo habito d'esse devoto monge...»

A ira de D. Ruy Viegas não carecia de tantos estímulos para rebentar. O semblante affogueou-se-lhe; a vista ardeu e chamejou; e a mão apertava com raiva o punho da adaga. Para se conter, teve de cerrar os dentes com força, e de se contrahir imóvel, como se estivesse no potro exposto aos tractos, deixando passar, sem as reprimir, as affrontosas phrases de Martim Cravo.

Portocarrero, ouvindo-as, não mudou, porem, de aspecto. Sómente notou o armeiro que as pupilas abrazadas e penetrantes, se assemelhavam a dois punhaes ardentes, e que o sorriso livido se lhe cavara do mais fundo aos cantos da bocca.

Era como se dissesse consigo: que importam mais os silvos, do que a mordedura da serpente?

Se conto esmaga-la amanhã, porque heide hoje persegui-la em vão?

As palavras de Martim Cravo, que de repente se suspendeu, espantado do silencio de mau agouro, com que o escutavam, o alcaide de Cham não replicou senão:

— «Continuai! Dizei-nos depressa o que pedis, e quem vos manda!

Este desprezo dos dois homens, que esperava enfurecer com as picadas insidiosas dos motejos, principiou a enraivecer o mensageiro. Faziam tão pouco delle, que, nem lhe enxotavam com o pé os vituperios, deixando-o fallar impune, como se deiza latir o sabujo ao longe.

Mais baixo era impossivel considera-lo!

— «Desleal e traidor, exclamou elle, estendendo o braço, é o homem, que resguardado atraz dos adarves dos muros só apparece nas seteiras para rosnar palavras aleivosas contra cavalleiros esforçados. É o que vós sois, D. Ruy Viegas! Não contente de ferir os brios de D. Martim Gil de Savorosa, accusaste-o das rixas e homicidios, de que nem sequer teve noticia. Por isso, offendido e affrontado, nos requereu que viessemos desafiar-vos para se ver comvosco em lide aberta, de hoje a duas semanas, nas terras de Grijó, jurando esperar-vos, e matar se comvosco e com os do vosso bando á lança e á espada ate vos render á sua mercê...»

— «Acabastes?» disse o alcaide no mesmo tom, e carregando mais os sobrolhos.

— «Ainda não!» retorquiu Martim Cravo. Voltando-se depois para o filho dos Portocarreros proseguiu: — «E vós D. Reimão Viegas, cavalleiro de Linhagem, e rico homem de riba Douro, escutai!

— «Ah! atalhou simplesmente o mancebo, dando alguns passos para os contrarios. Dizei!»

— «Como nos soasse, accrescentou o mensageiro de Martim Gil de Savorosa, que o meu nome, e o de D. Estevão Pires andavam pelas bocas mais ruins, affirmando os que o ouviram de vós, que negra tinhamos a alma, e moura a creença, por sermos quem matára á falsa fé a vosso pai Martim Viegas, commettendo outros feitos vis, e sabendo que vos achavamos n'este castello, viemos negar tudo, aqui, em vossa presença, para rosto a rosto vos dizermos: — mentistes, e mentis como judeu e servo!»

Concluindo o desafio, Martim Cravo, cruzou os braços, e mediu com um olhar orgulhoso o mancebo, e o alcaide, que nem perante a maior injuria, que se podia soltar contra cavalleiros, perdiam a serenidade apparente, que ambos parecia haverem ajustado.

Mas d'entre os homens d'armas e escudeiros do castello ergueu se mais de uma vez tremula de raiva, clamando: «mentis! mentis! Os traidores sois vós!»

Portocarrero sorriu, e voltando-se depois para o lado d'onde tinham saído os gritos, bradou severamente:

— «Quem responde aos meus nobres inimigos antes de eu fallar? Finalisai D. Martim Cravo. Sou todo ouvidos!»

Estas phrases ditas no tom mais plácido, e com os modos mais tranquillos fizeram estremecer até os mais resolutos.

De feito, os que de perto conheciam o caracter fozoso de D. Reimão Viegas, comparando a friesa do gesto com o sinistro fulgor da vista, tiravam terrivel pressagio. Muito certa reputava elle a vingança, reflectiam consigo, para conter assim os impetos do coração, dizendo ao sangue e á vingança: refreai-vos!

O alcaide de Cham, fiel ás suas promessas ainda não quebrára o silencio, mas lia-se-lhe a ira na palidez cada vez mais destmaida.

Fr. Gil, com as mãos postas, e os olhos humidos de pranto orava fervorosamente.

Martim Cravo, atalhado e suspenso, não podia conceber que um sorriso fosse a resposta de uma injúria, e que ás palavras, que arremessava, cortantes como ferro, para baterem no rosto do cavalleiro, não correspondessem rugidos de raiva e ameaças de morte.

Entretanto, não se querendo mostrar colhido ou embaraçado, continuou:

— « D. Reimão Viegas mentistes como falso, tentando manchar de nodoas dois nomes, mais nobres e melhores, do que o vosso; por isso vos convidamos para vos encontrardes comnoso, homem por homem, sem mercê nem misericórdia, sem tregua nem repouso. E em testemunho do rapto vos damos estas varas para que vos lembrem que sereis corregido como villão, se faltardes á lide aprazada »

E a um aceno seu os escudeiros dobrando o joelho deozeram diante de Portocarrero os molhos, que traziam.

O mancebo, desviou-as com o pé, e encarando os cavalleiros, perguntou-lhes sem a menor alteração na voz, ou no semblante.

— « Acabastes matadores de velhos e donzellas? »

Era a primeira vèz, que os seus labios se abriam para articularem uma phrase acerba. Ao mesmo tempo a luz das pupillas, fria e penetrante, parecia apunhalar os dois, que por mais esforços que desejassem empregar, não souberam encubrir o sobressalto e a torvação, que os tomou.

— « Reparai lá, Pero Britador! murmurou o meio soprano de mestre Voador, cosendo quasi a boca á orelha do seu amigo. Vede se os mofinos sequer boquejam no bom açor, que me roubaram? Foi como pombo em buxo de milhano! »

— « Deixai-os! retrucou o robusto armeiro. Mais queria eu estar na pelle de uma ovelha com os dentes do lobo em cima, do que na d'elles, coberta de malhas e de folhas. Tomai sentido n'aquelle gesto de D. Reimão! »

E na realidade Portocarrero causava espanto. Pallido como se acabasse de lançar dos hombros o lençol do sepulchro, dir-se-hia que a vida toda se concentrava no olhar febril e ameaçador, despedindo odio e raiva em chamas.

Mas o sorriso não se lhe despegava dos labios, os passos não denunciavam cholera, e a voz, mansa e pausada, não se prendia no tremor e rouquidão da ira.

Detendo-se subitamente defronte de Martim Cravo, e contemplando-o dous minutos sem mover os beiços, nem arredar a vista, obrigou-o a baixar a sua, e a recuar diante do seu aspecto, como se retirasse diante dos gumes de uma espada. »

Por fim, rompendo o silencio, perguntou-lhe com indifferença:

— « Dia da lide? »

— « De hoje a trinta? »

— « O logar? »

— « A terra de Sancta Maria. Dous tiros de arco do alcacer. »

— « A hora? »

— « Quarto de prima. »

— « As armas? »

— « Montante, e adaga, arnez e escudo. »

— « Bem! Não aceito o repto! » concluiu Portocarrero no mesmo tom. Pegando, depois em algumas varas, das que os escudeiros lhe tinham entregado, quebrou-as entre as mãos, e atirou os troços aos pés de Martim Cravo.

Levantou-se então um murmurio na vasta quadra.

Eram as vozes abafadas dos espectadores d'aquella scena, que não podiam comprehender semelhante desfecho. O proprio D. Ruy Viegas, embora se conservasse mudo, não soube reprimir-se tanto, que não olhasse confuso para seu primo.

Este, porem, lendo no semblante dos dous cavalleiros o pensamento mau, que lhes subia do coração aos labios, exclamou:

— « Quem se atreve aqui a murmurar do que eu faço? Cuidam que os temo, eu, que peito a peito, e lança em riste, me encontrei com os mais valentes de Granada e de Jaen, e com os lidadores de Gasconha e Aragão? Estes nunca respiraram o bafo ardente das pelejas, nem lhes cretjou as faces o sol de um dia de batalha... Quando, abrindo o saio, apontarem para lettras semelhantes ás do meu braço, e assim gravadas pelo ferro dos inimigos, então serei na lide, que me pedem. Hoje era covardia. Os traidores não valem um talho da minha boa folha! »

E dizendo isto, abria as roupas, e mostrava no peito duas cicatrizes fuídas. Logo depois, arrancando a espada da bainha, e florecendo-a com galhardia, accrescentou:

— « Vede-a! É a espada, que apertava nas mãos Gonçalo Mendes da Maia, o lidador, no dia, em que descançou, trespassado de feridas, de oitenta annos de combates — espada tão antiga como o reino, tão pura como a grande alma de seu dono. Olhai bem para ella! Depois de tanto servir não está gasto nem embotado ainda o ferro. Recbendo-a, de quem m'a podia dar, jurei nunca ferir com ella senão em defesa da minha fé e do meu rei. Santa e fadada pela victoria nunca se inclinou diante de nenhuma... Não, minha boa espada, não serás deshonrada. Sempre andou encostado o teu punho a corações generosos, e nunca sentiu fadiga o braço, que te vibrou. De hoje em diante... acabou. Sou o ultimo da minha raça; e já que não tenho herdeiro, a quem te deixe, quero que fiques aqui hoje; não irás cahir nas mãos de nenhum traidor.

E dobrou-a contra o joelho para a estallar; mas de repente suspendeu-se, obedecendo a outro pensamento.

— « Irás repousar ao lado de meu pai. Se houvesse outro coração, como aquelle, que lá jaz desfeito em pó, serias d'elle. »

Seguiu-se larga pausa, cortada apenas pela respiração anciada de quantos escutavam o mancebo.

D. Martim Cravo, e D. Estevão Pires, nem ousavam erguer os olhos. Portocarrero, não querendo revelar a dor perante os homens, que detestava mais no mundo, escondeu a cabeça no seio do prior Fr. Gil, em quanto D. Ruy Viegas, aspero nas fallas, e ameaçador no aspecto, respondia aos dois assassinos de Martim Viegas:

— « Dizei a Martim Gil de Savorosa, que me verei com elle e os seus nas terras de Grijó. Por sua causa se perde o reino, e não tem corrido uma gota só de sangue nobre, que não lhe deva cahir sobre a consciencia. Podcis sair! »

Martim Cravo ia a replicar, mas um gesto do alcaide cortou-lhe a phrase.

— « Ide, ajuntou o primo de Portocarrero, e agradecei a Deus, que os de riba de Bestança não sejam como os corvos e abutres do vosso ninho. Se Ruy Viegas quizesse agora escutar a voz do sangue, mandava levantar no cirado mais alto das suas torres duas forcas, e ensinava aos traidores como se vingava »

a morte de um velho e de uma donzella. Não me tenteis mais a paciência.»

Não foi necessario repetil-o. Os dois saíram em silencio; e d'ahi a poucos minutos já davam de esporas aos cavallos, transpondo as barbacans.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

A MULHER DE MARMORE.

Heurese la beauté que le poeta adore!
Heureux le nom qu'il a chanté!
Toi qu'en secret son culte honore.
Tu peux, tu mourir! dans la postérité!
Il legue à ce qu'il aime une éternelle vie:
Et l'amante et l'amant sur l'aile du génie
Montent, d'un vol égal, à l'immortalité!

LAMARTINE. — MÉDIT.

I

Quem és tu? qual é teu ser?
És algum anjo de Deus.
Que anda na terra a soffrer!
És d'esses astros dos ceus
Em cuja luz pudibunda,
A natureza se inunda?
És uma dessas visões
Que vivem na phantasia,
Sorrindo á melancholia
Das perdidas illusões?
Quem és tu, formosa imagem?
És filha de um sonho vão?
És... o que és? vaga miragem...
Tens ou não tens coração?
Oh! não tens!... tu és mulher:
É pedra todo o seu ser.

II

Não tens coração; não tens
Senão a dura materia,
Onde nascem taes desdens,
E tanto orgulho!... miseria.
É de desprezo esse rizo?
Mas sabes tu quem sou eu?...
Posso expulsar-te do ceu,
Ou levar-te ao paraizo!
Posso dar-te um ceu d'amor,
Ou um inferno de dor.

III

Sou poeta, eu: sou rei,
Cujos suspiros e cujas galas,
Não se alcançam n'essas sallas.
Onde os ignaros dão a lei.
Onde tu vives!... aonde
Te querem como rainha...
Onde o vicio-rei, caminha,
E a virtude a face esconde!
E desses vassallos queres?
Por esses me has de trocar!
Oh! como são as mulheres!...
O seu prazer é reinar.
Reinar na salla, na praça,
C'o a razão, ou c'o a folia;
Reinar até na desgraça,
Inda que seja um só dia!
Tarde, ai! só quando perdidas,
Se mostram arrependidas!...

IV

Mas desse prazer os travos,
Tarde-embora! — chegarão.
Em tua corte de escravos,
Não terás um coração!
Vê bem o que vais fazer;
N'um momento de demencia
Jogas a tua innocencia,
Por instantes de prazer!
Vê se tens a cobardia;
Pelo gosto da vaidade,
De aceitar a potestade
Que orna mal uma agonia;
De trocar por um dos teus
Um poeta, um rei, um Deus!

V

Sou rei — sou Deus; — a poesia
Brota do meu coração,
Em torrentes de harmonia,
Nas horas da inspiração.
O poeta é um rei, um Deus:
Tem de um Deus toda a grandeza,
Quando á sua mente aceza
Desce uma chama dos ceus!
Quando invoca do passado
Os reis, os povos, a historia;
Quando canta uma victoria,
Ou conforta um desgraçado.
É sempre um Nume o poeta:
Quando canta as desventuras,
Ou as desgraças futuras,
Se faz tremendo propheta.
Para ouvir-lhe o doce canto
Param as ondas do mar;
Comovidas com seu pranto
Calam-se as aves no ar.
Resplandecem as estrellas,
Mais perfumes dão as flores,
Se o poeta á vista dellas
Canta e suspira de amores.
Tornam-se as noites serenas,
Mais branda a lua fulgura;
Se elle conta as suas penas,
Se lhe sorri a ventura.
Até com os cantos seus
Folgam os anjos de Deus!

VI

Só tu me queres fugir...
Cheia de louca vaidade,
Só tu não queres ouvir
Como suspira a saudade!
E por quem me vais trocar...
Regeitas do amor a palma,
E á turba que não tem alma,
Por vangloria te vais dar!...
Desprezas um nome eterno
Em meus hymnos immortaes;
Para seguir os venaes,
Deixas o ceu pelo inferno!
Ganhavas perpetua fama
Nos eccos da minha lyra;
Nosso amor aos ceus subira
Cercado de etherea chama.
Em versos de ouro cantada
Serias, como a Leonor;

Como a Laura, celebrada,
Tua vida fôra amor.
Oh! não! que o não merecias:
Sempre marmor ficarias!

VII

Vai; quebrou-se o meu encanto:
Nunca mais hasde ouvir queixas.
Sei que te aborrece o pranto;
Que zombas destas endeixas...
Vai; dura pouco a belleza,
E depois que ella passar,
Diz adeus á realeza,
Que não tornas a mandar.
Então, cheia de amargura,
Chorarás arrependida:
Sentindo acabar a vida,
Sem começar a ventura.
Não me sabes entender,
Porque não tens coração...
Vai; que eu te não torne a ver.
E concedo-te o perdão.
Se o meu amor não quizeste,
Mais um poeta fizeste.

Lisboa 1855.

F. G. DE AMORIM.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

III.

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA.

NA ARCADIA — ELPINO NONACRENSIS.

1731 — 1779.

VII.

Ja observamos com que louçania o engenho do Diniz se apresenta, competindo no genero lyrico, em oppostos e variados tons, com os modellos antigos, e com os primores modernos mais elogiados no seu tempo, tanto nacionaes como estrangeiros.

Vimol-o nos ensaios pindaricos levantar-se impetuoso, desferindo o vôo ás alturas epicas, e sem queda sensivel, antes com brio e lustre, cingindo aos Gamas, aos Albuquerquees, aos Pachecos, e a tantos heroes portuguezes da conquista do novo mundo, da da Asia, ou da crusada Africana, a corôa immortal, que o cantor Tebano pousou na fronte dos vencedores dos jogos isthimicos e olympicos, instituidos para estimulo e culto das glorias patrias.

Vimol-o, depois, encostando a harpa dos hymnos heroicos, tomar a lyra graciosa de Anacreonte, e passando-lhe os dedos pelas cordas tecer de melodias risonhas, e de festivas canções o trama delicado e transparente das suas odes fugitivas.

E nestos dous combates com o genio da Grecia, parece-nos ter mostrado, que o talento do fundador da arcadia não desmaiava facilmente com as fadigas da lucta, apezar da immensa differença das cores e dos toques, e da insuperavel difficuldade de transportar pela imitação para um idioma mais pobre e menos apto as gallas da mais opulenta e harmoniosa lingua, e os incalculaveis thesouros dos seus dialectos e estillos.

Entremos agora com o poeta em outra provincia, de certo não tão rica, e mais limitada!

Acompanhemol-o á cabana rustica, e ás campinas, sobre que dorme o luar, se o sol não dardeja os raios por entre as ramas entrelaçadas do arvoredo.

Descansemos da longa jornada, assentando-nos com elle sobre as relvas, e á margem das frescas ribeiras, e escutemos os cantos da frauta de Menalca, n'aquelle brando e enlevado repouso, que o Melibeo de Virgilio invejava ao ditoso pastor de Mantua, recostado tambem a sombra das faias, e espraçando, como nós a vista, ao declinar do dia, pelas saudosas colinas por onde trepam os rebanhos, tosando a erva, e voltando os olhos para o caminho do redil, sentindo avizinhar-se a noute.

N'estes quadros, em que o pincel do Vate romano é tão mimoso, e ao mesmo tempo tão ingenuo, Elpino vai encontrar-se com emulos mais arduos de vencer; e os grandes vultos de Theocrito, Bion, e Mosco, que já empalidecem a bella physionomia de Virgilio, não deixam apparecer mais ao perto os Popes, os Gesner, e tantos outros, senão para tornarem mais grave ainda a difficuldade, e por isso mais digna de louvor a audacia do certame.

Tratando de restaurar as regras da composição classica, e de impor á escola reformada os traslados da antiguidade, não só como os melhores, mas quasi como os unicos, a Arcadia esmerou-se em unir o exemplo ao preceito, tentando todos os generos com diversa fortuna; sobresahindo em muitos não admira portanto que decaísse em alguns, porque as faculdades dos seus poetas não podiam abraugar tudo. O Diniz, ousaremos affirmar-o, foi talvez o mais fecundo e inventivo dos seus vulgarisadores; e se exceptuarmos o poema epico, pouco mais acharemos que se abalançou a commetter todos os lances, quebrando pelo menos uma lança com bizzaria na estacada, quando não conseguia levar inteiro o premio.

No Idyllio, em que o vamos considerar, não alcançou de certo os triumphos, que na lyrica exaltam o seu nome, e tem de ceder ao Quita a palma, e a preferencia; mas assim mesmo a distancia, (perde-se nos a asserção!) não é tão grande, que devam reputar-se credoras de leve aceitação, ou indignas de estudo as bucolicas, que nos deixou, embora não corresse por ellas a vigorosa lima, que realça as suas obras mais acabadas, lima que o Garção não esquecia em nenhuma das que deu por concluidas para a estampa, e que o Quita applicava, ainda que menos cuidadosa, ás suas melhores composições.

Para se formar juizo seguro das idéas de Elpino, sobre o estylo e a execução da Ecloga, é preciso não perder de vista as duas dissertações lidas por elle nas conferencias da Arcadia de 30 de setembro e 29 de outubro de 1757, e tiradas em grande parte da extensa carta, que escreveu a Theotónio Gomes de Carvalho, não sabemos se datada tambem do Monte Menalo, no anno antecedente.

Os principios poeticos do futuro chanceller da Relação do Rio de Janeiro estão firmados nellas com o rigor de um convencimento profundo; e como raras vezes a tolerancia e a benevolencia adoçam nos sectarios o ardor do zelo, não falta a victima, e o sacrificio do costume, para maior gloria da religião que o Vate proclama por sancta e verdadeira.

Nas duas dissertações leem-se alguns trechos de critica, salgados com tanta vontade, que um pouco mais de picante lhes daria necessariamente o azedume acre de allusão satyrica.

Querendo determinar a differença, que vae do estylo simples ao estylo rustico, Elpino, inspirado de certo pela veia maliciosa do auctor do «Hyssope» ci-

ta perante o douto Areopago dos seus consocios em Minerva um desgraçado compositor de *Novas Eclo-gas*, e reproduz, sem misericordia, e nos termos ras-teiros e triviaes da pocilga e da estrebaria, o dialo-go baixo e rude, em que fallam os interlocutores, parodias brutescas da elegancia ingenua e da ameni-dade facil, que entre nós adornam os versos de Rodri-gues Lobo, de Bernardes, e do Quita, e que entre estranhos Boileau requer como a condição essencia do genero.

Analizando alguns dos *Idyllios* de Domingos dos Reis, já referimos esses desentoados e hirsutos me-tros, e por isso nos abstemos agora de continuar a transcrevel-os.

Se a poesia campesina se reduzisse a rimar as san-dices e grosseiras altercações dos abegões e guarda-dores, é de crer que o gosto a hovesse deportado desde o seu começo para as arribanas, d'onde co-piou ao natural o infeliz retratista, apodado pelo cantor do Lara e do sabio Abracadabro.

Neste ponto não soffrem replica as razões dedu-zidas por Elpino, nem a doutrina dos eruditos re-formadores, cujo suffragio invocam.

Mas ha outros aspectos ainda a contemplar; e va-rias proposições arriscadas carecem, a nosso ver, de algum exame antes de se admittirem como liquidas.

Arrebatado e impaciente, por indole, o Diniz nem sempre destroe o obstaculo, que o detem; e para não se demorar, corre ao lado, ou salta por cima delle, deixando-o de pé. É o que succede com certas asser-ções, que aventura, que promete desenvolver, e que depois esquece, como se ficassem deslindadas.

A sua theoria poetica, se fosse aceite e imposta, como a estabelece, parece-nos que daria em resul-tado, não o aperfeioamento da obra poetica, mas o encolhimento e a mediocridade, que de ordinario saem de moldes muito estreitos e apertados.

Mais ainda. Julgado pelo codigo, que indigita, nem o proprio Elpino, cremos, poderia eximir al-guns dos seus *idyllios* da sentença, que dicta a mui-tos indirectamente.

Não custaria, a descubrir e apontar talvez, nas suas eclogas trechos accusadores da orthodoxia do legislador do Parnaso arcade, e por isso mesmo ar-gumentos vivos da excessiva austeridade das regras e opiniões recommendadas.

Para unir como Virgilio, na poesia pastoril, o re-trato da vida, dos costumes, e dos discursos do cam-po, á suavidade natural, á elegancia desafectada, e ao traço delicado e verdadeiro de um pincel fino, é preciso mais do que um talento mediano, e só uma esplendida e favorecida vocação o obtem!

Nos *Idyllios* do Quita, e nas eclogas de Rodrigues Lobo apparecem imitações do antigo, e mesmo lan-ces originaes, que se aproximam do ideal proposto; mas por algumas victorias alcançadas, quantas der-rotas se não contam, até nos mais elogiados?

Na segunda parte das suas reflexões sobre o esty-lo das eclogas, lida na *Arcadia*, Elpino, auctorisan-do-se com o voto de Rapin, de Fontenelle, e de Fene-lon, procura destruir os reparos, que alguns criti-cos formaram contra o genero pastoril.

A escola utilitaria engeitava-o como vão e inutil para arraigar o amor da virtude e o horror dos vi-cios; mas para repellir similhantes escrúpulos basta observar, que nem a musa epica, nem a musa tragica disputaram nunca o logar, que pertence á Imitação de Christo, aos tractados de moral, ou aos *Sermonarios*.

São cousas distinctas.

Uma vez, que a poesia não arranque os veos do pudor, e não baixe, lasciva e descomposta, á ebrie-dade da phrase lubrica, ou do painel deshonesto, respeitando os costumes respeitou-se a si, e aos lei-tores, e cumprio a sua missão.

Se a paixão amorosa, cantada nos *idyllios*, esmo-rece o timbre veril, e toma um tom quasi femenino, ninguem dirá que o defeito constitua a regra, e que o caracter da composição bucolica exclua sentimen-tos mais elevados, e até rasgos sublimes de arreba-tamento lyrico e religioso.

Quando se quer humilhar a modestia da ecloga, confrontando-a com o voo impetuoso da ode, con-fundem-se estylos oppostos, e condemna-se com par-cialidade.

A ode não repelle as queixas amorosas; e para admittir a inventada exclusão, teriamos de expur-gar a litteratura antiga de muitas das bellas pagi-nas, que a illustram.

As obras lyricas de Horacio sairiam mutiladas. Anacreonte ficaria esquecido; e os admiraveis frag-mentos da paixão delirante de Sapho seriam rejeita-das em nome de uma theoria falsa e absurda.

Theocrito, Bion, Mosco, e Virgilio, o imitador dos tres, entenderam a execução do genero de dif-ferente maneira. Em todos elles o *idyllio* molda-se com variedade aos assumptos menos ternos, e ves-te as formas, que elles pedem.

Abram-se ao acaso, e ver-se-ha como os mestres sabem alargar os horisontes, e como do rustico al-vergue do pastor a inspiração desata as azas de fogo para se remontar até ao ceu.

Nestes dous pontos, em que o Diniz combate pe-la liberdade da arte, firmando-se na doutrina dos mais sisudos escriptores, pouco se poderá acrescetar com novidade, guardando-se, como deve guardar-se, o preceito critico, que manda julgar os livros pe-los principios, que a epocha e os auctores reconhe-ram.

A *Arcadia* representava a renascença classica na sua pureza, e querer apreciar-a pelas idéas de hoje seria o mesmo, que exigir do marquez de Pombal que governasse pelas formulas das constituições re-centes.

Aonde se nos figura, que Elpino responde com menos exito, é quando se esforça por demonstrar que a poesia campesina não repugna um pouco aos cos-tumes e ás tendencias das sociedades modernas. Con-tra este escolho empenha as forças com menor for-tuna, e a razão (parece-nos) entrega a palma aos seus adversarios.

O desenho de uma scena pastoril, o dialogo in-genuo, e o perfume agreste dos campos, alegrando aqui e acolá as pinturas mais severas do poema he-roico, ou os capitulos do romance e da novella, of-ferecem ao inventor a occasião propicia de variar as cores e os toques, aliviando a gravidade da epopeia; entram como episodios deleitosos no trama da nar-ração; e habilmente distribuidos paeparam o âni-mo do leitor por meio de uma pausa refrigerante para atravessar depois as comoções vehementes, e os lances patheticos.

É o que se nota no formoso poema do Tasso, e na imaginosa tela dos *Lusiadas*; é o que antes delles já tinha feito Homero na *Odyssea*, e o que Fene-lon não omittiu no seu romance epico de *Telemacho*.

Mas, seguir-se-ha, por isso, que uma longa serie de poesias todas de igual afinação, todas filhas da mesma ficção, e só diversas nas formas exteriores e

nos incidentes, possa captivar o interesse por largo espaço, ganhando os foros de intima e popular a preço da palida imitação dos exemplos gregos e romanos.

Não o supponmos. Mesmo os modelos mais apregoados, para não declinar, viram-se obrigados a distarçar a allusão politica, a nenia lacrimosa, e os transportes fervidos do amor com os trajos humildes dos cabreiros, louvando, ou denegando os homens e as cousas do seu tempo pela boca dos Menalcas e dos Corydons, em que a sua phantasia retratava ora os cortesãos de Augusto, ora os ministros e os poderosos do seculo.

Na collecção das eclogas de Virgilio acha-se a cada momento a prova do que dizemos, e o que nos resta de Theocrito é de sobejo para o-comprovar.

Feitas estas observações, que não julgamos desnecessarias, passemos a apontar concisamente no volume dos idyllios de Elpino os traços mais caracteristicos, declarando primeiro, como pede a equidade, que a nosso ver o Quita o excede tanto, como o Diniz no estilo lyrico deixa atraz de si todos os arcaes, seus consocios.

Examinando de vagar a collecção bucolica do auctor do 'Hyssope' não será custoso a qualquer observador sagaz o descobrir, que a imaginação opulenta e arrojada do poeta baixa contrafeita á simplicidade campesina, e que mesmo copiando dos livros, e avivando a pintura dos mestres, por vezes se descuida, e deixa escapar o pincel, mais proprio para as grandes rasgos heroicos, do que para o colorido fino e natural, que taes scenas querem.

Não lhe faltam de certo amenidade, e graça, quando as busca; debuxando com apuro não lhe fogem os longes do quadro, nem erra a miudo a expressão peculiar do genero; mas sente-se, lendo-o, que lucha consigo mesmo para não quebrar o molde, e que se curva sujeito á imitação forçada.

Aquella ingenuidade facil, que dá tanto valor aos quadros do Quita, e aquelle enlevo espontaneo, que Rodrigues Lobo sabe achar sem se constranger, não se encontram nos paginas de Elpino senão de raros em raros trechos.

Vê-se n'ellas de mais a sombra dos bucolicos antigos, e de menos, a vocação do cantor. A cada instante, e por occasiões, sem grande acerto, apparece engastada a imagem estranha, a allusão virgiliana, e até o esboço quasi inteiro de Theocrito, ou de Moscho. Das liberdades de Gesner, e das singelas elegancias de Pope, se o vate os estudou, poucos vestigios conserva a sua obra.

Escutemol-o no vi Idyllio intitulado 'Auliza' e a par dos correctos versos, em que solta os queixumes amorosos não será difficil indigitar logo as tintas carregadas, que, a nosso crer, desfeiam a physionomia do trecho, porque lhe roubam a cor de simplesa des affectada, que é o segredo da sua formosura.

O poeta lamenta a pastora, que a morte lhe ceifou na flôr dos annos:

Tu eras d'estes campos a alegria,
Se levavas ao rio as tuas adens,
As aguas mais serenas se mostravam,
As margens mais floridas pareciam,
.....
Se ficavas na aldeia, no terreiro,
Na barra, lucha, e baile se empregavam
Os pastores mais destros, e mais sabios.
Que pastora creou nessa ribeira,

Por mais bella que fosse e mais gabada
Que podesse comtigo comparar-se?

Nas descripções, em que pouco se desvia da anti-guidade, nota-se a mesma culpa.

O desenho, não é tirado da vida, animando-se os vultos pelo ideal, mas das recordações dos livros, e de sentimentos, que só têm de bucolica uma, ou outra fórma.

No VIII Idyllio, ha comtudo um quadro, filho das reminiscencias classicas do poeta, que realça pela graciosa negligencia, com que está traçado. É a pintura de um tarro, que o pastor Anfrizo promete a Ergasto, amado das musas, em premio da canção perdida:

De uma banda, por mãos d'Alceu lavrado,
Um mancebo pastor n'elle se admira,
Que de brancas ovelhas rodeado
Attento tóca a marchetada lyra: -
Que se movem dirás ás suas vozes
As arvores e feras mais ferozes.

Um menino da outra diligente,
De molles juncos tece uma esparrella,
E em quanto em enredar manhosamente
Uns com outros se emprega, e se desvela,
Do malhado currão o seu rafeiro
Lhe furta os hrancos queijos surrateiro.

Podiamos ainda multiplicar as citações, mas de que serviria? As que apresentamos foram apenas trazidas para dar alguma ideia do gosto e do estilo bucolico de Elpino; alongal-as, acompanhando-as de observações, caberia talvez em um trabalho mais extenso, mas nestes rapidos artigos tornar-se-hia impertinente e insoffrivel.

O conceito, que nos dictou a leitura meditada dos Idyllios do Diniz não o occultamos, e fica hem claramente manifestado. Neste genero o imitador feliz de Pindaro e de Anacreonte não lucha com a mesma confiança, com que o vimos sobresahir, commettendo com audacia dois dos mais variados aspectos da poesia lyrica.

É sua a culpa, ou do assumpto?

Parece-nos que de ambos.

Quem se lembrar do conciso elogio, em que Horacio exalta a flauta pastoril do vate Mantuano não se admirará de que sejam raros os cantores, que deixaram nome, triumphando das difficuldades, e salvando-se pelos poderes da arte e da vocação de naufragarem na monotonia e na affectação, os dois escolhos mais perigosos, que a ecloga precisa acautellar.

Molle atque facetum

Virgilio annuerunt gaudentes rure camoenae (1).

Quantos se louvam de igual brinde nas letras antigas e modernas?

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

Se as casas fossem de cristal, seriam mais puros os costumes das familias.

(1) Horacio, Satyr. Lib. I. Satyr. x. v, 44 e 45
Eis o sentido do poeta na facil e elegante versão do sr. Antonio Luiz de Seabra:

As camenas, ao campo afeiçoadas,
A Virgilio a doçura e graça deram: